

99/1

Raquel Mattoso de Souza

O Doutrinação Ideológico e a Nova Ética da Sociedade de Consumo

Rio de Janeiro
1999

Raquel Mattoso de Souza

O Doutrinamento Ideológico e a Nova Ética da Sociedade de Consumo

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA MONOGRAFIA

Reitor: Hans Jürgen Fernando Dohmann
Decano: Maria Tereza Wiltgen Tavares da Costa Fontoura
Diretor: Janete Oliveira Elias
Chefe de Departamento: Monica Mandarino
Professora: Monica Mandarino

O DOUTRINAMENTO IDEOLÓGICO E A NOVA ÉTICA DA SOCIEDADE DO CONSUMO

Monografia apresentada à Escola de Educação da Uni-Rio para obtenção de grau de licenciatura em Pedagogia

RAQUEL MATTOSO DE SOUZA

Monografia apresentada à Escola de Educação da Uni-Rio para obtenção de grau de licenciatura em Pedagogia

Professor Orientador: Ângela Martins

RIO DE JANEIRO
1999

SOUZA, Raquel Mattoso de. O Doutrinação Ideológico e a Nova Ética da Sociedade do Consumo. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas, Escola de Educação, 1999, 32p.

S731 Souza, Raquel Mattoso de.
O doutrinação e a nova ética da Sociedade
do Consumo / Raquel Mattoso de Souza - Rio
de Janeiro , 1999
32 f.

Monografia apresentada à Escola de Educação como requisito
parcial para obtenção e grau de licenciatura em Pedagogia

1.Educação - ideologia e ética. I Ideologia e Educação. II O
doutrinação ideológico e a nova ética da Sociedade do Consumo

CDD 370.115

CDU 17:37

... e a sua presença sempre me deu
... e a sua presença sempre me deu
... e a sua presença sempre me deu

... e a sua presença sempre me deu
... e a sua presença sempre me deu
... e a sua presença sempre me deu

**Dedico este trabalho à duas
grandes mestres, pessoas
maravilhosas que inspiraram
meu crescimento acadêmico
e pessoal. Sem elas, não
teria chegado até o fim.**

Ângela e Valéria, obrigado.

Agradeço à Deus por me dar vida e capacidade para realizar meus sonhos.

Agradeço à minha família pelo apoio e ajuda que me deu, em especial minha mãe e minhas queridas primas Luiza e Helida.

Agradeço ao meu noivo Rodrigo a quem amo muito, por todo apoio e amor que me dá

Agradeço também o carinho de todos os meus amigos.

Agradeço à querida Profa Janete Elias pela grande ajuda ao longo do curso e também à querida Tereza que tanto nos ajuda quando precisamos.

Agradeço aos meus queridos mestres que me fizeram crescer academicamente: Ângela Martins, Carmem Sanchez, Josaida Goudar, Liana Ocampo, Luis Eduardo, Lygia Martha, Maria Izabel, Maria Helena, Martha Alkhimin, Sandra, Tunica e Valéria Wilke.

Agradeço, por último aos meus colegas da Uni-Rio pela amizade e companheirismo ao longo do curso

RESUMO

A atualidade caracteriza-se por profundas mudanças na economia, política e cultura cujo conjunto podemos chamar Globalização. Ao mesmo tempo, observa-se por trás da mundialização de valores e idéias, um doutrinação ideológico que redefine valores morais e visa adaptar a sociedade à nova ordem econômica mundial. Neste contexto, a escola, ao lado da mídia, coloca-se como o grande instrumento das elites para promover a inculcação cultural. Faz-se necessário redefinir a ação dos educadores buscando construir uma sociedade melhor a partir da resistência à dominação cultural e social.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. A CULTURA DO CONSUMO E DA IMAGEM	10
3. NOVOS PARÂMETROS ÉTICOS	13
3.1 INDIVIDUALISMO E DESEJO DE CONSUMO	13
3.2 TEOLOGIA DO MERCADO	15
4. ESCOLA: CONSOLIDANDO A ORDEM SOCIAL VIGENTE	18
4.1 SELETIVIDADE:A SERVIÇO DA EXCLUSÃO SOCIAL	19
4.2 IMPONDO A CULTURA DOMINANTE	22
5. POSSIBILIDADES	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
BIBLIOGRAFIA	30

1. INTRODUÇÃO

Observa-se neste fim de milênio a consolidação de uma nova ética que se faz norteadora das relações econômicas, políticas, sociais e culturais. Dos movimentos da Globalização se formam novos parâmetros éticos, onde valores morais se condicionam à lógica econômica, dentro da hegemonia da ideologia neoliberal. Consequentemente, verifica-se a ampla internalização de uma mentalidade individualista que caracteriza-se pela supervalorização da imagem e do consumo. Ao lado das transformações no plano econômico, político e sócio-cultural que vieram mudar o perfil da sociedade contemporânea, se produzem também mudanças significativas na rede de relações humanas. Neste sentido, constata-se o predomínio de sentimentos como egoísmo e individualismo e a ausência de altruísmo e solidariedade, nas relações humanas. Assim, os valores axiológicos têm seu papel redefinido diante do novo olhar do homem face ao mundo.

Nesta nova sociedade que se globaliza, cuja lógica está fundamentada na racionalidade econômica, o consumo e a imagem são privilegiados em detrimento dos valores morais. Pode-se verificar que, na Sociedade Global ou melhor, do Consumo, os indivíduos dividem-se em duas categorias: consumidores e não-consumidores. Se de um lado a exclusão social atinge níveis alarmantes, de outro procura-se desenfreadamente a acumulação infinita de riquezas e o consumo de mercadorias, mesmo que para atingir este objetivo seja preciso recriar valores morais. Desta forma, a capacidade de adaptar-se à nova realidade mundial e de consumir constituem condições essenciais para a obtenção de sucesso vital e status de cidadão da Sociedade Global.

condições essenciais para a obtenção de sucesso vital e status de cidadão da Sociedade Global.

Junto com a reformulação dos parâmetros éticos, coloca-se o doutrinamento ideológico que, implicitamente, determina a adequação gradativa dos membros da sociedade ao novo Status Quo. Através da supervalorização do consumo e da imagem estimulada pelas elites, esconde-se o doutrinamento ideológico, grande obstáculo a ser vencido para se superar a dominação cultural e social, assim como a exclusão social, características dos tempos de Neoliberalismo.

Ratificando o Mito do Progresso como virtude do Neoliberalismo, as elites procuram fascinar, encantar as pessoas, doutrinando-as pela ação dos meios de comunicação de massa, principalmente pela ação da mídia eletrônica com sua superexposição de imagens fabricadas com o propósito de impor a cultura da classe dominante e seus valores e padrões éticos.

Diante deste quadro, verifica-se a ampla adesão, por vezes até involuntária de educadores à mudança paradigmática oriunda da Globalização. É interessante observar que o discurso corrente no campo da Pedagogia refere-se a uma prática pedagógica “moderna”, porém este caráter “moderno” que se tenta atribuir à educação nos anos 90 reduz-se à apropriação e aceitação acrítica de recursos tecnológicos e “receitas milagrosas” para imprimir uma suposta qualidade ao ensino dos conteúdos escolares, sobrepondo-o à educação de fato, deixando de lado o significado e a importância desta para a formação global de indivíduos, privilegiando-se a quantidade (ensino) e não a qualidade (educação) no seu sentido ético e sócio-cultural.

O presente trabalho se propõe, embasado em pesquisa bibliográfica, desenvolver uma reflexão sobre a postura da escola diante dos parâmetros morais que regem a Sociedade Global (cuja cultura privilegia o consumo e a imagem) e sobre suas bases ideológicas de sustentação que se constroem através do doutrinamento ideológico desenvolvido dentro do espaço escolar, o que vem gerar uma mentalidade individualista e egoísta. Abordando alguns aspectos sócio-culturais e ideológicos desta sociedade e enfocando a nova ética das relações humanas, o trabalho será desenvolvido especificamente voltado para as possibilidades de ação do educador diante dos novos padrões éticos, considerando sua responsabilidade no processo de formação moral, política e cultural dos educandos, assim como seu dever de intervir na construção da mentalidade individualista dos dias de hoje.

2. A CULTURA DO CONSUMO E DA IMAGEM

Em tempos de globalização, a cultura por sua vez, também ultrapassa fronteiras, tornando-se uma cultura mundial, transformação que se faz possível pelos avanços tecnológicos no campo das informações. Recursos advindos dos progressos tecnológicos, como a televisão a cabo e a Internet, se colocam como principais responsáveis pela mundialização da cultura, que já não se restringe a um determinado grupo ou classe social. Observa-se que o mundo vai pouco a pouco se tornando uma imensa Aldeia Global que é “... *uma expressão da globalidade das idéias, padrões e valores sócio-culturais, imaginários*” (IANNI,1996 p. 93). Graças aos meios de comunicação de massa, forma-se uma cultura mundial, uma cultura de massa. As imagens, como simulacros virtuais, são criadas e recriadas pela mídia eletrônica, que determina idéias, modas, estilos, fantasias, valores, onde tudo vai se globalizando, modernizando e se transfigurando pela magia da eletrônica que envolve o mundo em teias multimídias, onde o caos tranfigura-se em um sistema de signos, símbolos, alegorias e metáforas da Aldeia Global, que seria uma “*aldeia desenhada, tecida, colorida, sonorizada e movimentada como em uma invenção lúdica*” (IANNI,1996 p. 100).

Como um poderoso setor de produção, que emprega uma multidão de intelectuais formados nos mais diversos campos de saber e que operam as “tecnologias da inteligência”, a mídia eletrônica assume o papel de um intelectual orgânico na estruturação da Aldeia Global, que estaria ligado aos centros de poder, a serviço dos interesses das classes dominantes. Assim,

"...ainda que mediatizada, influenciada, questionada ou assimilada em âmbito local, regional ou nacional, aos poucos essa mídia adquire o caráter de um singular e insólito intelectual orgânico, articulado às organizações e empresas transnacionais predominantes nas relações, nos processos e nas estruturas de dominação política e apropriação econômica que tecem o mundo, em conformidade com a nova ordem econômica mundial " (IANNI,1996 p.95).

Na Aldeia Global, o mundo se transforma num grande espetáculo através da ação da indústria cultural, que veio revolucionar a cultura, ao tempo que se cultua o consumo, reproduzindo-se o *modus vivendi* burguês através das imagens, onde *"tudo tende a ser a ser mercantilizado, produzido e consumido como mercadoria"* (IANNI,1996 p. 99). A origem do doutrinamento ideológico burguês através da indústria cultural que Benjamim expõe em sua análise dialética dos primórdios da sociedade burguesa, veio transformar a imagem em mercadoria, e esta em fetiche, suscitando a Cultura do Consumo e da Imagem. Da mesma forma que procurava dissimular os conflitos, as desigualdades e injustiças sociais através da criação de um mundo de sonhos que envolvia a cidade de Paris (símbolo da sociedade burguesa do sec XIX), e que se traduzia na oferta de mercadorias nas passagens, galerias e exposições, a classe burguesa hoje se utiliza principalmente da mídia eletrônica, dentre outros recursos, para cultivar o sonho de consumo e vender um mundo onírico, oposto à realidade de crescente exclusão social que o neoliberalismo sustenta na atualidade. Este mundo agora envolve o desejo de adquirir e acumular infinitamente riquezas para dar vazão à avidez de consumo de mercadorias estimulado pela indústria cultural, sem que a crítica e a reflexão sejam cultivadas e assim, perpetua-se a opressão e a dominação social.

O desejo de consumo estimulado principalmente pela mídia eletrônica não envolve somente indivíduos de classes privilegiadas, mas também aqueles que se encontram excluídos socialmente, já que a indústria cultural também os visualiza como potenciais consumidores, mesmo que em menor escala. A apropriação de mercadorias pelas classes de menor poder aquisitivo representa um falso status (contribuindo para a hegemonia das classes dominantes), e constitui uma falsa ilusão alimentada pelas elites de que o excluído social, que por doutrinação ideológica não se vê como tal, seria elevado à categoria de consumidor, que na Sociedade do Consumo se sobrepõe ao cidadão.

3. NOVOS PARÂMETROS ÉTICOS

Toda sociedade necessita definir parâmetros éticos para garantir sua própria sobrevivência, já que sem estes não seria possível regular as relações humanas, sociais, políticas e econômicas. No ocidente, o predomínio da religião cristã faz com que os princípios de solidariedade, fraternidade e altruísmo se constituam como valores morais reguladores destas relações. Com a série de transformações sofridas pela sociedade nestas últimas décadas, verifica-se uma adequação destes valores à nova conjuntura sócio-econômica, onde o desejo e alvo principal da humanidade é a acumulação infinita de riquezas, dentro do sistema de mercado . Formou-se através dos mecanismos de globalização de idéias e valores, uma cultura que privilegia o consumo e a imagem, produtos imediatos da ideologia neoliberal. Se há algum tempo, o individualismo e o egoísmo eram vistos como anti-virtudes, na atualidade norteiam o convívio social e as relações sociais e econômicas. Faz-se pois necessária uma breve reflexão sobre as características da mentalidade predominante na Sociedade Global ou do Consumo.

3.1. INDIVIDUALISMO E DESEJO DE CONSUMO

A nova realidade econômica abriu espaço para a recriação da Cultura de Consumo e da Imagem, que por sua vez, vem gerar uma mentalidade que vai se internalizando amplamente, cujos valores contrapõem-se ao princípio ético da solidariedade. Uma nova forma de convivência social vai se estruturando baseada no egoísmo, individualismo e competitividade, numa *“postura de cismismo e*

indiferença frente aos problemas sociais e às dificuldades de sobrevivência dos que estão fora do mercado" (JUNG e SILVA, 1995 p. 62), na insensibilidade diante do estado de pobreza e de miséria em que se encontra uma grande parcela da população mundial.

Como principal característica da mentalidade neoliberal dentro da Sociedade do Consumo, o individualismo associa-se ao egoísmo como princípios norteadores das relações humanas. O que representaria uma inversão de valores do ponto de vista ético, se tornou corriqueiro nas relações cotidianas. Se o desejo de gerar o máximo de riquezas constitui a mola-mestra das relações econômicas, e a lógica atual refere-se à racionalidade econômica, onde não há lugar para a solidariedade, o altruísmo, a piedade e outros sentimentos nobres no âmbito das relações humanas, o se pode prever é uma gradativa desintegração da sociedade como um todo. As perspectivas para o futuro da humanidade tornam-se a cada dia mais sombrias, já que quando o interesse pessoal se coloca acima do interesse do outro, a convivência entre indivíduos se torna insuportavelmente tensa, contribuindo para o agravamento da violência, para a prática da corrupção, para a alienação e indiferença frente às desigualdade e injustiças sociais.

Se para tornar possível a convivência social, existe a necessidade de uma moral e de *"um mínimo de espírito de solidariedade com os outros"* (SUNG & SILVA, 1995 p. 63), o egoísmo não pode ser explícito, e assim, acaba sendo camuflado de diversas formas. A partir da teoria de Adam Smith que bem expressa o pensamento contemporâneo ao enunciar que *"se mostrarmos ao outro como lhe é vantajoso nos dar o que precisamos, teremos muito mais probabilidades de obtermos o que queremos"*, concluí-se que o interesse e o desejo individual que impulsionam a ordem social e econômica vigente disfarçam-se sob a capa de

altruísmo. Desta forma, o egoísmo, a defesa do interesse próprio, é apontado como altruísmo, já que o outro se sente beneficiado. Nesta concepção que atribui um caráter moral ao egoísmo e ao individualismo, mascara-se a inversão de valores morais que envolve a mentalidade atual.

3.2. TEOLOGIA DO MERCADO

Um aspecto interessante nesta sociedade neoliberal é a fé no sistema de mercado, que se põe como divindade sobrenatural, cultivando-se o mito do progresso, o que vem eliminar os limites para as ações humanas, onde querer torna-se sinônimo de poder. Através da tecnologia, seria possível acumular riquezas ilimitadamente. É justamente o sistema de mercado que possibilita o progresso técnico infinito que vai satisfazer todos os desejos da humanidade, segundo Sung. Depositando a fé no mercado, torna-se possível ultrapassar todas as barreiras para atingir o *Paraíso*. A partir da idéia de que é possível realizar todos os desejos, as pessoas se dispõem a sacrifícios para entrar no mercado, mas não a lutar pela construção de uma sociedade justa e verdadeiramente fraterna.

Neste mundo globalizado, onde os valores morais submetem-se à racionalidade econômica, observa-se a hegemonia de uma ideologia que elege o mercado, o consumo e o poder como os pilares das relações humanas. Se o objetivo principal da sociedade passa a ser a acumulação infinita de riquezas, a lógica econômica tornou-se "*o centro da vida e o principal critério de discernimento para as questões morais*" (SUNG & SILVA, 1995 p. 57). Numa espécie de devoção religiosa ao consumo, cultua-se o mercado, cujas leis constituem dogmas seguidos

por uma multidão de fiéis em todo o mundo. Jung Mo Sung aponta para a existência de uma *"teologia da nova ordem econômica"*, de uma *"religiosidade do capitalismo"*.

Vive-se hoje uma crise no campo da ética, onde os valores morais se perderam na nova conjuntura. Com a mudança paradigmática que concentra a economia no sistema de mercado, o atual modelo econômico se fundamenta na ideologia neoliberal, reestruturando-se conforme os pressupostos de uma nova ordem econômica a nível mundial que compreende novas formas de produção para alcançar a *"geração máxima de riquezas"*. Este objetivo de acumular infinitamente riquezas que consitui o cerne da economia mundial e o *"Paraíso"* para os seguidores da Religião do Mercado, por um lado, contribui para o agravamento da exclusão social, e por outro, gera uma cultura de consumo desenfreado, de competitividade, individualismo e ausência quase que total de solidariedade. Invertendo os princípios cristãos de amor ao próximo, de solidariedade, a Religião do Mercado não estabelece limites para o individualismo.

A fé no poder sobrenatural do mercado transforma o egoísmo em solidariedade, através do princípio de que *" ser solidário, preocupar-se com os problemas dos outros, significa agora a defesa dos interesses próprios contra os interesses dos outros "* (SUNG,1998 p. 34), sendo que a solidariedade estaria ligada à eficácia na produção de bens. Nesta concepção contraditória, a fraternidade seria baseada na competitividade do mercado, não em esforços para superar a pobreza e a miséria. Para os seguidores do mercado esta idéia é perfeitamente cabível, pois o sistema de mercado seria capaz de *"realizar a acumulação ilimitada, a satisfação de todos os desejos e a unidade da humanidade"* (SUNG,1998 p.34), desaparecendo a dicotomia entre solidariedade e mercado. Os efeitos negativos do sistema de mercado não seriam verdades inadequadas, mas caminhos do mercado

no processo de instaurar um mundo de unidade e fraternidade, segundo Camdessus, que a partir de sua fé no mercado expõe que a através da competição, das tensões e das diferenças, a fraternidade universal é construída (não a complacente, paternalista, que seria a fraternidade cristã). Esta inversão dos valores cristãos, poderia ser chamada *idolatria*, segundo Sung, pois o mercado se coloca como divindade, que fascina as pessoas com promessas e exigências de sacrifícios para adentrar o *paraíso* do mercado e do consumo.

4. ESCOLA: CONSOLIDANDO A ORDEM SOCIAL VIGENTE

Ao contrário que se poderia supôr, a escola como instituição formadora de indivíduos, cuja função seria possibilitar o acesso aos conhecimentos acumulados pela humanidade, desenvolver o raciocínio crítico, a prática da reflexão não só sobre os conhecimentos sistematizados, mas sobre a realidade política e sócio-econômica que cerca os educandos, principalmente no âmbito das relações humanas, se posiciona como difusora da cultura dominante e dos novos parâmetros éticos de caráter neoliberal. Atuando decisivamente no processo de exclusão social através de mecanismos criados em seu espaço para consolidar as desigualdades, a escola se omite diante da inversão de valores que caracteriza a Sociedade do Consumo, privilegiando somente o ensino de conteúdos, isto é, a quantidade, e assim, descartando a crítica e a reflexão, exercendo o doutrinamento ideológico que se esconde sob a neutralidade aparente desta prática, cujo objetivo seria estimular a adaptação à nova realidade e consolidar a divisão social do trabalho. Neste contexto, cultiva-se o mito da neutralidade nas relações escolares, onde a formação moral, política e cultural dos educandos no processo de escolarização na atualidade expressa bem a hegemonia da ideologia neoliberal que descarta todo e qualquer posicionamento ético no sentido total da palavra.

Dentro de seu espaço são criados mecanismos que perpetuam as desigualdades sócio-econômicas, como a seletividade, que engloba a produção do fracasso escolar e a conseqüente evasão, e o doutrinamento ideológico que se caracteriza pela imposição da cultura da classe dominante através do processo

aculturador que atinge os filhos das classes populares. Como ferramenta utilizada pelas classes dominantes para a consolidação da ordem social vigente, a escola se propõe a oferecer um tipo de educação que cumpre a finalidade de adaptar e submeter os indivíduos à realidade em que vivem, assim como consolidar a hierarquia social através da arbitrariedade que envolve as relações escolares.

4.1. SELETIVIDADE: A SERVIÇO DA EXCLUSÃO SOCIAL

Pretende-se no mundo atual, em especial no Brasil, facilitar o acesso de toda a população ao ensino sistematizado, com a proposta de eliminar o analfabetismo e fornecer instrução a todos, preparando-os para o mercado de trabalho. Segundo esta proposta, a escola funcionaria como uma extensão do mercado de trabalho, onde, empresas privadas em parceria com o Governo assumem a responsabilidade pela educação. A universalização da educação escolar seria uma proposta louvável, não fosse esta um instrumento para difusão de uma mentalidade que prioriza o exercício de papéis determinados sócio-economicamente dentro da sociedade neoliberal.

Visando atingir duas metas principais (alfabetizar e preparar mão-de-obra), a proposta educacional vigente vem fortalecer a desigualdade e a exclusão social ao direcionar a educação segundo o público-alvo. De acordo com o discurso atual, as classes populares devem receber instrução básica para conseguirem melhores colocações no mercado de trabalho e condições de vida mais "dignas", o que não significa ter acesso à educação como formação, que seja voltada para o exercício da cidadania plena, da crítica, da reflexão e para a resistência à dominação e à opressão. Enquanto a educação voltada para as classes privilegiadas visa ao

ingresso nas universidades e o trabalho para o acúmulo de riquezas, os educandos provenientes das classes baixas vivem a ilusão criada pela classe dominante de que serão “incluídos” na sociedade (que deliberadamente os excluem), através de uma educação que se caracteriza pelo ensino e aprendizagem de conteúdos descontextualizados, sugerindo um carácter neutro, desvinculado de influências ideológicas, mas que na realidade vai moldando o indivíduo para a submissão e passividade diante da injustiça social de que é vítima.

Vale observar algumas causas imediatas do fracasso escolar. No âmbito das interações em sala de aula, verifica-se ao longo da história educacional, além de relações de dominação e submissão, o desrespeito às diferenças individuais de carácter sócio-cultural e ao ritmo de aprendizagem de cada educando e à sua forma de produzir conhecimento, fatores que contribuem significativamente para o fracasso escolar e para a conseqüente evasão, para o processo seletivo. Conteúdos sendo transmitidos para alunos-receptores, num processo mecânico de ensino e aprendizagem que dificulta, e muitas vezes, até impossibilita a apreensão de sentidos e significados dos conhecimentos, resultando em pura memorização e conseqüente visão não-crítica da realidade.

Neste ponto cai a máscara de neutralidade da escola, que assume seu papel de instituição legitimadora de mecanismos de opressão e dominação, de reprodução social, de afirmação da ideologia e do Status Quo vigente. Verifica-se que ao longo da história, a educação vem se caracterizando por promover a seletividade, principalmente no ensino fundamental, onde o fracasso escolar e a evasão são mais evidentes, e só os considerados mais “aptos” prosseguem e são preparados para o ensino médio e superior. Trata-se basicamente de uma questão sócio-político-cultural. Aqueles que em geral fracassam e abandonam a escola durante o período

de ensino fundamental sempre foram e continuam sendo os filhos das classes populares, que sofrem um processo aculturador dentro da escola, que como legitimadora e consolidadora da cultura e dos interesses das classes dominantes, os submete a estes interesses, rejeitando sua cultura e conhecimentos prévios, condicionando-os a um papel de “sub-cidadãos” dentro da sociedade, procurando incapacitá-los para a participação efetiva dentro da sociedade dita democrática. Desta forma, quem não possui “competência” para prosseguir no processo de escolarização é forçado, através de mecanismos de seleção criados pela escola, a desistir da escola e possivelmente de alcançar sucesso e melhorar suas condições sócio-econômicas, pois é senso comum que só com educação (mesmo que esta não possua qualidade, principalmente a social e ética), os filhos das classes populares poderão reverter a condição de excluídos dentro da sociedade neoliberal.

Esta crença justifica as consequências da seletividade iniciada na escola e mantém o status quo, situando o problema no desempenho do educando, responsabilizando-o por sua “condição inferior”, e assim, com este discurso, separa nas séries iniciais os que podem dos que não podem continuar na escola, dos que estão como que destinados por sua própria origem sócio-cultural e porque fracassaram na escola, a desempenhar futuramente papéis subordinados na divisão social do trabalho daqueles que pertencem à classe dominante. O discurso democrático da escola e sua pretensa educação para a cidadania esbarram na realidade do processo seletivo.

4.2. IMPONDO A CULTURA DOMINANTE

Como espaço político e cultural, a escola adequa-se à realidade em que se insere, posicionando-se como instrumento de dominação do Estado, disseminadora da ideologia dominante, representante legítimo dos interesses das elites. Assumindo uma postura de falsa neutralidade, a escola segue em sua função social, promovendo a seletividade que vem perpetuar as desigualdades. Para Bourdieu e Passeron, a seleção explica-se pelo domínio da linguagem culta da escola, burguesa, que deve ser adquirido pelos educandos provenientes das classes populares sob pena de não-permanência no sistema de ensino. Baseando-se nesta concepção, verifica-se que o (in)sucesso escolar condiciona-se à adaptação ao status quo, reafirmando-se, assim, a supremacia da cultura burguesa nas relações escolares, onde a herança cultural das classes populares se põe como obstáculo a ser superado para a obtenção de sucesso.

Os currículos escolares, com seus conteúdos descontextualizados, escondem saberes, competências, representações, papéis e valores que, não figuram nos programas oficiais porque realçam uma programação ideológica que constitui o "*currículo oculto*" como aponta Forquin. Desta forma, a cultura da classe dominante é internalizada inconscientemente, onde o discurso implícito da adaptação, do individualismo, do descomprometimento político e social, permeia a linguagem da escola, que corresponde à linguagem da Sociedade do Consumo. Como "*conteúdo substancial da educação, sua fonte e justificação*" (FORQUIN, 1991 p.14), a cultura transmitida pela escola não abrange a totalidade da cultura humana, nem daquela específica do grupo ou classe social em que se insere, mas é selecionada de forma a constituir uma "*cultura escolar*", que é "*dotada de dinâmica própria e capaz de sair*

dos limites da escola para imprimir sua marca didática e acadêmica a toda espécie de outras atividades" (FORQUIN, 1991 p.17), cumprindo determinações ideológicas que desvalorizam culturas populares e disseminam a cultura dominante através do "currículo oculto".

A função da escola de inculcação cultural e doutrinação ideológica esconde-se sob a capa de neutralidade produzida pela necessidade de camuflar a arbitrariedade da imposição da cultura dominante, camuflagem que se dá através da autoridade pedagógica e da autonomia relativa da escola, como observam Bourdieu e Passeron. Desta forma, posicionando-se falsamente como instituição autônoma, onde suas relações de poder seriam de cunho psicológico, a escola vem preencher as funções de classe dentro de uma sociedade de classes, isto é, cumpre funções externas dentro de sua função própria, reiterando a hierarquia social e reproduzindo a estrutura das relações desiguais de classes, de acordo com os interesses das classes dominantes.

Com a informatização da sociedade, a eletrônica transforma tudo em presente, como se a memória da humanidade se perdesse nos movimentos da globalização das idéias, valores, padrões nesta Sociedade Global , cuja cultura vem privilegiar o consumo e a imagem. A modernidade engloba o conceito e o desejo do agora, do presente, do imediato, conceito que é disseminado pela mídia eletrônica e amplamente assimilado. Neste ponto surge uma " *incompatibilidade estrutural entre o espírito da modernidade e a justificação da escola como tradição e transmissão cultural*" (FORQUIN,1991 p.20), o que significa que os educadores não devem se

"satisfazer com um discurso pedagógico puramente instrumentalista, que atribuiria como único alvo para a educação formar espíritos ágeis e personalidades adaptáveis, capazes de respostas flexíveis e preparadas para qualquer eventualidade" (FORQUIN, 1991 p.20),

Pelo contrário, devem resgatar a memória da humanidade e os conflitos que esta envolve, procurando introduzir os educando na pluralidade que se constitui a cultura humana universal, que se fragmenta de acordo com grupos, classes sociais, etnias, nações em que é constituída. A escola, deste modo, seria o contraponto à mercantilização da cultura promovida pela mídia eletrônica e à globalidade de idéias, valores e padrões que forma a Aldeia Global.

5. POSSIBILIDADES

O quadro angustiante em que se encontra a escola por sua posição dentro da sociedade, aponta para a necessidade de desenvolvimento de práticas pedagógicas que atuem na contramão das *"formas de cultura"* e de mentalidade produzidas na escola, e cuja análise crítica sobre o processo de escolarização ultrapasse o plano teórico e evolua para uma prática pedagógica que desenvolva uma *"forma de política cultural"* e para isso, professores e alunos devem assumir o papel de *"intelectuais transformadores"*. Desta forma, para resistir à lógica da dominação, deve-se, além de transformar a linguagem da possibilidade em um discurso que oriente a prática pedagógica, através deste buscar *"recuperar a idéia da democracia crítica como um movimento social que apóia a liberdade individual e a justiça social"* (GIROUX, 1997 p. 28).

O entendimento de como as formas culturais se produzem dentro do espaço escolar e de como se disseminam moldando comportamentos e mentalidades, abre caminho para a luta pela escola como *"esfera pública democrática"*, onde diferentes formas de cultura e experiências trazidas por alunos e professores de seu ambiente sócio-cultural para dentro do espaço escolar se confrontam criticamente com a hegemonia cultural produzida pela Sociedade Global e pela escolarização (seja na formação de professores como meros funcionários ou de alunos como tábulas rasas, como aponta Giroux), gerando deste conflito, uma linguagem de possibilidade que resgate a esperança necessária para engajamento na luta por uma escola e uma sociedade melhor e mais justa.

Contra-pondo-se ao caráter aparentemente insolúvel da função de reprodução social que a escola assume, a proposta de uma pedagogia radical destaca a

contradição presente na escola e a possibilidade de resistência à dominação cultural e de luta contra-hegemônica. Tomando como ponto de partida os conceitos de conflito e de resistência para empreender análises das relações entre escolarização e sociedade, propõe-se uma visão radical em educação. De acordo com esta concepção, a escola se põe como espaço político e cultural de resistência e conflito e, mais além, de possibilidade, cabendo principalmente ao professor o papel de intelectual transformador que luta pela verdadeira democracia escolar. Deste modo, a pedagogia radical procura aliar a crítica à transformação, viabilizando, segundo Giroux, um novo conjunto de possibilidades para que a escola assuma o papel de esfera pública democrática.

Mesmo que em sua essência, a escola seja um espaço de dominação cultural e reprodução social, Giroux sugere que os dualismos da contradição presente na escola sejam tratados dialeticamente, de forma que a reflexão sobre a práxis seja parte integrante da ação do professor radical. Nesta linha, a auto-reflexão se põe como elemento crucial para a ação transformadora entremeando o diálogo dos professores com alunos e com os saberes compartilhados nas interações escolares, pois como intelectual transformador, os professores não podem deixar de lado sua própria formação história, sua ideologia, o que o determinou e determina como indivíduo, e também, como esses elementos atuam em seu trabalho pedagógico nas interações em sala de aula.

Ao assumir a postura de intelectual transformador, buscando aliar a crítica à transformação, o professor radical deve combinar

"ação e reflexão no interesse de fortalecerem os estudantes com as habilidades e conhecimentos necessários para abordarem as injustiças e de serem atuantes críticos comprometidos com o desenvolvimento de um mundo livre da opressão e da exploração". (GIROUX, 1997 p. 29).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto que apesar da escola assumir o papel de legitimadora dos interesses das classes dominantes, a contradição presente em seu espaço possibilita enxergar uma luz no fim do túnel. O questionamento crítico da produção de formas culturais dentro e fora da escola deve estar sempre presente, para que possam ser resgatados os parâmetros morais redefinidos pela globalização. Um sociedade mais justa pode ser construída, sim. E a partir da própria escola e de uma postura de luta contra-hegemônica assumida por todos os educadores inconformados com a realidade sócio-econômica vigente.

Como educadores, devemos assumir uma postura de luta pela democratização verdadeira da escola, rejeitando o doutrinamento ideológico que predomina no processo de escolarização. Seguindo os passos de Paulo Freire em sua luta por uma educação de qualidade, emancipadora, nós educadores temos o dever de resgatar os valores morais que são desprezados pela sociedade atual com o apoio da escola, de ir contra a massificação cultural, de ao menos tentar formar seres humanos realmente livres, arrancando o opressor de dentro do oprimido, como procurou Paulo Freire ao longo de sua vida.

Devemos deixar de lado a preocupação excessiva que costuma-se ter com a assimilação de conteúdos, de conhecimentos, como se essa fosse a única finalidade de nosso trabalho pedagógico. Esta visão extremamente simplista da escolarização abre espaço para o cultivo do mito da neutralidade da escola e para a dominação social e cultural. Procuremos priorizar a qualidade e não a quantidade, investindo na educação com formação de indivíduos livres, emancipados. A eficiência e o controle, objetivos de tantas práticas pedagógicas,

promovem, como salienta Giroux, mais obediência, passividade, do que a análise crítica, tão necessária para resistir à dominação cultural.

O respeito às diferenças individuais deve estar sempre presente no trabalho do educador, que não deve se posicionar como autoridade detentora de todos os saberes, mas humildemente procurar o diálogo, compartilhar saberes e não impô-los, desenvolver uma relação saudavelmente justa com os educandos, nunca esquecendo que estes são seres humanos como nós, com sentimentos, emoções, sonhos, e não meros cumpridores de ordens e receptáculos de conhecimentos sistematizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre ,PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução ; elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro. Ed.

Francisco Alves, 1975

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura*. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 1991

GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais*. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 1997

IANNI, Otávio. *Teorias da Globalização*. 3ª Edição. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 1996

SUNG, Jung Mo. *Desejo, mercado e religião*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1998

_____, SILVA, Josué C. *Conversando sobre ética e sociedade*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1995

BIBLIOGRAFIA

- BARRETO, José Carlos. *Educação de adultos na ótica freireana*. Salvador. Seminário Latino Americano de Educação de Adultos, 1986
- CAVALIERI, Ana Maria Villela. *Uma escola para a modernidade em crise: considerações sobre a cimpliação das funções da escola fundamental*. Caxambu. XX Reunião Anual da ANPEd, 1998
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo. Cortez Editora, 1987
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 1996
- MOLL, Jaqueline. *Alfabetização possível: o ensinar e aprender*. Rio de Janeiro. Meditação Editora, 1996
- SCHWEITZER, Albert. *Cultura e ética*. Trad. Herbert Caro. São Paulo. Ed. Melhoramentos, 1953
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação no Brasil*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1969